

A DOÇURA DAS CRIANÇAS OU COMO LIÇÃO DE ERÊ É COISA SÉRIA

Adélia Mathias¹

Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje.

Ditado Iorubá

Esse texto livre não é metateórico, mas preciso explicar meu processo de produção para que a dimensão do sagrado e da religiosidade, para mim, fique bem evidente para quem o lê: simplificando, preciso colocar meu lugar de fala.

Venho de uma família numerosa, com uma grande matriarca, minha avó, e com pessoas de diferentes religiões. Tenho na família uma pastora que largou tudo e se tornou iniciada no Candomblé, gente do culto doméstico que se batizou em igreja evangélica super rígida, católicos que quando se sentem com “energia muito pesada” pedem uma ajudinha para as entidades, ogã, gente do Candomblé, da Umbanda, do Kardecismo, enfim, tenho uma família muito grande e diversa em suas crenças religiosas.

Como fruto dessa salada de religiosidade eu não poderia ser diferente, e tendo percorrido escola bíblica de férias na infância, sido batizada e seguido os ritos todos na igreja católica enquanto simultaneamente vivi com os princípios de caridade e compartilhamento das religiões afro-brasileiras, nunca foi um problema, para mim, a liquidez da identidade religiosa, mas conforme o tempo foi passando eu me vi muito mais próxima do culto afrorreligioso doméstico da minha casa.

Há, inegavelmente, um saber que foi passado pela minha avó, mas especialmente transmitido – e assim continua sendo – pelas entidades que eu chamo de ancestrais. Não se tem muita informação desses cultos domésticos na historiografia oficial, mas se tem muito sobre o que cada um aprende na experiência e o que as/os

¹ Doutoranda no departamento de Literatur & Medienwissenschaft da Universidade de Mannheim. Membro do Grupo de Estudos Calundu sobre Religiões Afro-Brasileiras e do Grupo de Pesquisa Vozes Femininas UnB/CNPq. E-mail: adeliamathias@gmail.com

mais velhas/os transmitem às/aos mais novas/os. Eu aprendi assim e sou ensinada pelas próprias entidades desse modo até hoje.

É muito difícil falar sobre as vivências em minha casa porque não nos enquadrámos em nenhuma religião oficial. Ao mesmo tempo, com o Grupo de Estudos Calundu eu consigo compreender, no terreno da lógica a qual somos submetidos nas universidades, muitas das práticas que aprendi como “é assim porque é” ou “apenas faça, depois você entende”.

Primeiro, é um privilégio poder fazer parte de um grupo em que a ancestralidade indígena e africana em contato, e o que daí resultou, é foco de estudos, isso porque sempre senti falta do reconhecimento dessa contribuição indígena, em alguns espaços, como construtora das religiões do povo de santo no Brasil.

Segundo, porque estar no grupo tem me trazido a constante sensação de um retorno a mim mesma, difícil de explicar precisamente com palavras. Essa jornada tem sido realmente preciosa, no sentido de me propiciar o “depois” a que as entidades insistiam em me dizer que eu entenderia. Obviamente estou falando de uma percepção muito subjetiva e que mexe exclusivamente comigo e com o meu jeito de me apropriar da religiosidade e dos estudos e interações acadêmicos/as.

Posta essa localização de sujeito que escreve, com esse texto desejo falar sobre algumas das grandes aprendizagens que o Culto às Crianças, realizado todo ano na minha casa, nos ensina constantemente e não nos deixa esquecer.

Todo ano há uma grande festa para as entidades crianças, isto é: Erês e Crianças espirituais (crianças encarnadas também) que desejam se juntar às pessoas em minha casa para, reunidas, celebrarem um dia de felicidade e doação; não há distinção de quem pode chegar, todas as crianças são bem vindas. Essa festa, no entanto, nos traz aprendizagens que vão para além das brincadeiras cheias de axé, das rezas e do tempo de estar com.

Sob o pretexto de dar doces de Cosme e Damião, tradição vinda com minha avó do Rio de Janeiro, o segundo domingo de outubro é um dia sagrado na minha casa. É dia de fazer panelas enormes de comida, dia de juntar as doações dos amigos e as nossas próprias e enchermos os saquinhos: de doces, axé, solidariedade, desejos de felicidade e prosperidade para quem os receberão. O dia fica bem parecido com aquelas junções de amigos que se reúnem para doar presentes de Natal para criança carente e coisa do tipo.

A diferença está no fato de que neste dia específico os Erês e as Crianças vêm à terra para nos abençoar, brincarem, ajudarem a encher os saquinhos de doces, e as Pretas e os Pretos Velhos aparecem para dizer que estão de olho nas/os danadas/os e nos abençoar, abençoar a casa, deixarem recados para quem está precisando e aquela interação que todos já conhecem. Por si só, esse acontecimento já é uma experiência rica, sempre saio com palavras muito importantes, reflexões que duram pelo menos um mês e um sentimento de graça que é muito bom de sentir.

Entretanto, há uma dimensão social nesse encontro. Há tempos, decidiu-se tacitamente que os doces iriam para crianças carentes, e Mariazinha, quando nos disse isso, disse que a intenção era levar esperança para quem tem muito pouco, e que ao menos nesse dia ela queria levar alegria para quem precisava se alimentar de sonhos. Hoje consigo entender que o recado era pra todo mundo: as crianças em situações vulneráveis e nós, que diante de nossos parques privilégios também vivemos sempre carentes do alimento espiritual que é a esperança.

Há quem diga que as pessoas que se unem para dar um pouco de bala, bananada, paçoca, pipoca e maria-mole são pessoas de bom coração e superiores por conseguirem pensar no próximo; eu aprendi que na verdade oferecemos às outras pessoas a nossa abertura para nos deixarmos afetar por elas, para que suas existências inundem uma área especialmente negligenciada na contemporaneidade, os nossos sentimentos. Colocamos nos colocamos como pessoas vulneráveis que somos (já teve ano para ficarmos um pouco tristes, outros extremamente felizes, outros mais reflexivas/os; já choramos de tristeza, de felicidade, de um misto dos dois).

Quando aceitam os doces comprados e pensados por tanta gente diferente que talvez essas crianças nunca verão mais na vida; quando sorriem apesar da precariedade de seus lares; quando a poeira vermelha das ruas e dos seus pés enchem os carros de barro, essas crianças estão dando a nós, o alimento necessário para não desistirmos muitas vezes do que fazemos. E não digo isso apenas sobre os doces.

É vendo que a esperança e a felicidade, mesmo que momentânea, surge até na mais precária condição de vida material que muitas aprendizagens são levadas para nossas vidas.

Na minha cabeça sempre fico remoendo o que fiz durante o ano, quais foram as minhas reclamações, o que me tirou esperança e o que a fez ressurgir apesar do cansaço, como eu não desisto das pessoas, mesmo quando tudo indica que está na hora de parar e olhar somente para mim e questões existenciais mesmo.

Sim, são questões de foro íntimo, entretanto, impactam em outras esferas, como uma mulher negra insistir em estar na universidade, mesmo esta sendo um ambiente tão tóxico e excludente – especialmente para mulheres negras que, em surdina, escutam com frequência e de diferentes maneiras que não deveriam estar ali –; o quanto estariam muito melhores em outros espaços e exercendo outras profissões que não implicassem em impor seus corpos negros e mentes aguçadamente desafiadoras à branquitude, que não deseja pensar em questões raciais, pois acha que isso não lhe diz respeito ou simplesmente quer manter questões de organização social tão importantes como inexistentes, afinal ter uma mulher negra incomoda mais do que não ter nenhuma, num espaço onde materialmente nos mostramos minoria em um país de maioria negra.

É vendo a felicidade e a esperança dessas crianças que agradeço ao universo por ser agraciada pela minha família e minha ancestralidade. São elas que me propiciam a experiência de ser uma pessoa melhor, é naquele pé no chão do menino com o sorriso sem dente e com balas de caramelo na boca que eu encontro forças para pensar, na minha área de pesquisa e atuação, as brechas que me ajudarão a fazer desse mundo um lugar menos desigual.

Sim, o que é dito aqui tem uma grande dose de romantismo e resistência a esse mundo que mói gente, e essa parte minha só não é afetada por todas as intempéries da vida exatamente por causa dessa experiência anual que sempre me lembra de que acima de tudo, um dos meus nortes é não esquecer de que sou humana, de que a situação de algumas pessoas é tão precária que esse mundo precisa mudar, e que mesmo diante da precariedade e da mais absoluta falta de perspectiva, tem gente que sonha, que não para, não desiste e está à espreita da menor possibilidade para sorrir e mostrar seu potencial diante da vida.

Dia das crianças na minha casa é dia de felicidade, mas é pensado muito tempo antes com os preparativos, com os banhos, as ervas, com os saquinhos, com os doces, questões como: será que esse ano a gente vai ter grana para fazer mais saquinhos? Será que as religiões neopentecostais já tomaram aquele lugar e as crianças poderão comer dos doces? Será que não achamos saquinhos biodegradáveis? Será que não vale a pena a gente colocar pasta e escovas de dente junto? Dentre outras, são questões sempre presentes e fazem um bem danado porque nos tiram do egocentrismo e nos fazem pensar nos outros, sentir e pedir pela aceitação alheia com carinho.

Num mundo onde parecer ser melhor que o outro se tornou imperativo, Erês têm plantado sementes muito mais ricas nos corações de quem participa do culto lá em casa.

É interessante pensar que foi conversando com uma das amigas do grupo, que esse ano esteve presente enquanto eu passei meu primeiro ano longe, que eu me lembrei do quanto esse tipo de interação é impactante e mexe dentro de quem se permite ser afetada/o. Quando nos acostumamos com o fato de não sermos as pessoas caridosas que parecemos para quem está de fora, mas, sim, eternos aprendizes das experiências anuais que as crianças espirituais têm a bondade de deixar fazermos parte; quando nos deixamos afetar por toda situação de coletividade, de compreensão, na experiência, do que significa Ubuntu, aprendemos que é preciso pensarmos o mundo por uma perspectiva diferente.

Durante todos esses anos eu aprendi a repensar as relações de opressão social e sua dimensão individual; aprendi muito sobre o retorno do reprimido de que tanto falou Freud; sobre a pobreza interior de quem não se propõe a estar junto com o diferente, sou um exemplo da quantidade de vida e material interior que uma experiência tão simples pode trazer para vida.

Não romantizo aqui a pobreza, embora tenha uma visão romântica da possibilidade de um mundo melhor; não deixo de enxergar os problemas estruturais, embora consiga entender a utopia como um bom norte para se seguir; não acredito que a minha experiência seja a mesma das pessoas que participam comigo e com a espiritualidade nessa corrente que se materializa em um domingo de outubro, mas que nos faz pensar muito antes desse dia, e refletir por muito tempo depois, a força que é participar de algo assim. Seja espiritualmente, seja emocionalmente e, no meu caso, pragmaticamente.

É fácil ver como pequenas ações afetam positivamente as pessoas, enquanto muita gente reclama sem nada fazer porque acredita na máxima de que uma só pessoa ou um grupo pequeno de gente não muda estrutura. Eu aprendi que é fazendo, na ação de experienciar mesmo, que se sabe o tamanho da diferença que a ação tem nas nossas vidas, uma vez que os ecos de nossas ações podem ir tão longe que nem imaginamos.

Em mim ecoa a criança que sonhou um dia ter a oportunidade de ser vista com respeito, sei exatamente como isso pode afetar positivamente os irmãos que agradecem a “tia dos doces” e têm a possibilidade de sonhar e brincar com felicidade por pelo menos algumas horas, alguns dias.

Aprendi isso fazendo para depois entender.